

Vamos falar de HIV / Aids e educação em ciências: conteúdos e não conteúdos de um tema sensível

Let's talk about HIV / AIDS and science education: content and non-content of a sensitive topic

Hablemos de VIH/SIDA y educación científica: contenido y no contenido de un tema sensible

Rafael Vitame Kauano¹
Pietro Tochio Lucci²

Resumo

O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise sobre o silenciamento da epidemia de HIV e Aids no Brasil a partir de um olhar para o reducionismo deste tema nos documentos curriculares ao se comparar os conteúdos dos PCNs e da BNCC. Desta forma, consideramos a existência de um sistema multi-contraditório que determina o silenciamento do tema na educação e na sociedade. Propomos como caminho de superação a abordagem de assuntos como a falsa ideia de que a Aids não existe mais ou a desatualizada correlação entre HIV e a homossexualidade sem pensar em vulnerabilidades, emergem do próprio fenômeno do silenciamento enquanto um novo paradigma em normalização.

Palavras-chave: Educação Sexual, Infecções Sexualmente Transmissíveis, ensino de Ciências

Abstract

The objective of this work was to carry out an analysis on the silencing of the HIV and AIDS epidemic in Brazil from a look at the reductionism of this theme in curricular documents when comparing the contents of the PCNs and the BNCC. In this way, we consider the existence of a multi-contradictory system that determines the silencing of the theme in education and in society. We propose as a way of overcoming the approach of issues such as the false idea that AIDS no longer exists or the outdated correlation between HIV and homosexuality without thinking about vulnerabilities, emerge from the phenomenon of silencing itself as a new paradigm in normalization.

Key-words: Sex Education, Sexually Transmitted Infections, Science Teaching

1 Universidade de São Paulo, rakawanobio@usp.br

2 Universidade de São Paulo, pietro.lucci@usp.br



Resumen

El objetivo de este trabajo fue realizar un análisis sobre el silenciamiento de la epidemia de VIH y SIDA en Brasil a partir de una mirada al reduccionismo de este tema en los documentos curriculares al comparar los contenidos de los PCN y de la BNCC. De esta manera, consideramos la existencia de un sistema multicontradictorio que determina el silenciamiento del tema en la educación y en la sociedad. Proponemos como forma de superación el abordaje de cuestiones como la falsa idea de que el sida ya no existe o la trasnochada correlación entre el VIH y la homosexualidad sin pensar en las vulnerabilidades, emergen del fenómeno del silenciamiento como nuevo paradigma en la normalización.

Palabras clave: Educación Sexual, Infecciones de Transmisión Sexual, Enseñanza de las Ciencias

Introdução

O plano sociocientífico é marcado pelo amplo desconhecimento popular acerca do HIV/Aids; ainda existem mitos e desinformações a respeito da epidemia, como a conexão, desatualizada e simplificada, soropositividade, Aids e homossexualidade. De acordo com Rosário e Portugal (2016), a Aids precisa ser compreendida como um fenômeno social circundado por diversas camadas que transpassam a definição técnica e conceitual, por muitas vezes moralizante, de ser uma doença causada por um vírus. Portanto, é inviável desassociar este debate das questões humanísticas às quais está vinculada.

Ocultar tais questões sociocientíficas pode contribuir para o que dados recentes vêm mostrando: o relatório divulgado em julho de 2019 pela UNAIDS (Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids) aponta que, embora com conquistas, o Brasil está na contramão das tendências mundiais. No âmbito nacional, observou-se que, de 2010 a 2018, houve um aumento de 21% no número de novas infecções pelo HIV frente à diminuição de 16% na escala global, considerando-se o mesmo período (UNAIDS, 2019). O Boletim Epidemiológico HIV/Aids lançado em 2019 reportou que o número de casos de HIV entre jovens de 15 a 24 anos notificados no Sinan (Sistema de Informação de Agravos de Notificação) saltou, entre 2007 e 2018, de 1.374 para 10.785 (SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE, 2019). Esses dados, sobretudo aqueles que concernem a pessoas jovens, não parecem ser mera coincidência. Moura e Leite (2019) analisam a abordagem escolar no ensino fundamental referente à educação sexual nos últimos anos de modo a descortinar o imenso conservadorismo presente nos parâmetros de ensino. Destarte, a disponibilização de conhecimentos e o debate em torno das ISTs, que é um tema vinculado a esse tópico, se coloca como um tabu.

Assim, o objetivo deste trabalho é propor, a partir do materialismo histórico e dialético enquanto perspectiva analítica, reflexões a respeito do ensino de HIV/Aids sob a análise de contradições históricas, materializadas em documentos curriculares. Ademais levantamos “não



conteúdos" que carecem de atenção para o processo educativo sobre o tema. Nosso principal convite é para que se construam olhares para o problema do silenciamento das questões referentes ao HIV/Aids nos processos educativos e na própria sociedade.

A síntese do silenciamento: a contradição entre conteúdos e não-conteúdos

Metodologicamente, consideramos o materialismo histórico-dialético para uma leitura da realidade a partir do movimento de seus elementos contraditórios e conflituosos (Konder, 1981), possibilitando um caminho de entrada na essência do objeto ao interpretar suas determinações e relações internas (Kozik, 2010).

Enquanto objeto de análise, pensamos no silenciamento de abordagens sobre a questão HIV/Aids no Brasil. Desta forma, em primeiro lugar, falamos de uma tendência à centralização do ensino dentro de uma abordagem estritamente biológica ou, como coloca Figueiró (2013), "médico-biologista", em detrimento de diferentes práxis pedagógicas relacionadas à educação sexual e a contextualização de questões sociocientíficas nas escolas. Em segundo lugar, não descartamos a entrada dos movimentos conservadores e sua ação direta na construção dos currículos, livros didáticos e formação de professores.

O movimento de silenciamento das PCNs à BNCC

Apresentamos uma breve análise referente como que a temática HIV/Aids é abordada nos PCNs de 5^a a 8^a séries e na BNCC. Quanto ao primeiro, observa-se que tal abordagem se dá em três documentos: nos volumes 4 (Ciências Naturais), 10.4 (Saúde) e 10.5 (Orientação Sexual), sendo esses dois últimos parte dos chamados Temas Transversais. A primeira menção a esse tópico no parâmetro das Ciências Naturais aponta o quão importante é o ensino de tais assuntos nessa etapa da vida dos(as) estudantes:

"No terceiro ciclo, alunas e alunos estão preocupados com as transformações de seu corpo. A tendência real que se verifica em relação à gravidez de risco e à disseminação do vírus da Aids torna absolutamente relevante o tratamento desses tópicos no terceiro ciclo" (Brasil, 1998a, p. 76).

Mais adiante, no mesmo documento, reforça-se um posicionamento ligado à abordagem de questões sociocientíficas atreladas aos vírus, distanciando-se, dessa forma, de um ensino de ciências integralmente neutro e tecnocêntrico:

"Muitas questões relativas à saúde em geral, à prevenção de Aids em particular, à sexualidade, ao uso e abuso de drogas, referem-se ao ser humano em sua dimensão social e, assim, relacionam-se com as questões relativas à cultura, às relações interpessoais, familiares e grupais, à ética nas relações e na participação social como cidadão, às perspectivas de integração no mundo do trabalho. São pertinentes e



necessárias às aulas de Ciências, quando se trabalha com os assuntos e temas referentes ao ser humano” (Brasil, 1998a, p. 107).

Em relação aos volumes dos Temas Transversais, no que se refere ao tema “Orientação Sexual” incentiva-se a educação sexual permeada de recursos que permitirão aos alunos e às alunas a apropriação dessa temática como algo relacionado ao prazer e não unicamente às ISTs e a questões médico-biológicas:

“De uma maneira geral, o trabalho de Orientação Sexual visa a desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos, afirmando-a como algo ligado ao prazer e à vida. Na discussão das doenças sexualmente transmissíveis/Aids o enfoque precisa ser coerente com isso e não acentuar a ligação entre sexualidade e doença ou morte” (Brasil, 1998b, p. 325).

Em contrapartida, no processo de evolução das políticas públicas curriculares, vemos na BNCC a ausência de citação ao termo “HIV” e apenas uma à palavra “Aids”, localizada na área referente a um dos objetos de conhecimento do 8º ano (Mecanismo reprodutivos e Sexualidade), a qual possui como quarta habilidade “Identificar os principais sintomas, modos de transmissão e tratamento de algumas DST (com ênfase na AIDs), e discutir estratégias e métodos de prevenção” (Brasil, 2017, p. 349). Assim, ao fazer-se uma comparação com os documentos lançados em 1998, ratifica-se o silenciamento imposto quanto ao ensino do HIV e da Aids: enquanto as PCNs buscavam implementar questões sociocientíficas conectadas à infecção nas escolas, dando ênfase à relevância de se trabalhar tal tema conjuntamente a pautas sociais, na BNCC observamos praticamente uma anulação dessa abordagem, voltando-se prioritariamente às dimensões biológicas do ensino de ciências.



Silva et al. (2019), ao discorrerem sobre como o tema “Sexualidade” é mostrado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), manifestam que o mesmo é desenvolvido majoritariamente em suas dimensões biológicas e de maneira restrita e velada. Isso corrobora a tentativa de distanciamento entre o HIV e suas diversas questões sociais, bem como reflete os pensamentos conservadores prevalentes em projetos políticos brasileiros. Tal construção curricular desconsidera o impacto do estigma na educação sobre a temática. Macedo (2017) analisa que ondas conservadoras vêm ganhando espaço de modo gradativo no que se refere a políticas públicas como a BNCC. Nesse sentido, tópicos de ensino das ciências que conversam mais intensamente com questões sociais, sobretudo no campo de gênero e sexualidade, são silenciados e vistos por tal movimento como um instrumento utilizado por professores para influenciar os alunos a seguirem “ideologias” ou “doutrinas”.

Conteúdos para a superação

Consideramos que para a superação do silenciamento imposto por forças conservadoras e visões ultrapassadas do ensino de ciências é preciso que estigmas, discursos e ausências dentro desta temática sejam confrontados no universo educativo. Assim, listamos aspectos que são constantemente apresentados e discutidos por movimentos sociais e especialistas em HIV/Aids e que devem ter um olhar especial no que concerne ao ensino de ciências e biologia:

1. Ser soropositivo é ser “aidético”

O discurso que associa a doença à infecção talvez seja o mais antigo presente na sociedade e está enraizado nas visões conservadoras da realidade que atribuem tonalidade pejorativa em termos como “aidético”. Também, é o grande responsável pela perpetuação de preconceitos e estigmas sociais que oprimem pessoas soropositivas, dificultando sua vivência escolar e suas relações de trabalho, afetivas e familiares (UNAIDS. 2019).

Hoje, os percursos científicos que levam a superação desta contradição estão principalmente relacionadas à terapia antirretroviral (TARV), que reduz a carga viral no organismo de uma pessoa soropositiva, inclusive a níveis indetectáveis que impedem a transmissão do vírus (York, 2019).

2. Aids não existe mais:

Segundo o boletim epidemiológico brasileiro sobre a epidemia de HIV/Aids (Brasil, 2019) somente em 2018 o Brasil teve 37.161 casos de Aids notificados, somando-se a uma série histórica que totaliza 966.058 casos desde 1980. Este dado é suficiente para esclarecer que não existe uma epidemia e doença vencidas, como pode se mostrar enquanto aparente em grupos sociais mais privilegiados e, principalmente, em um contexto de estigmatização que silencia pessoas soropositivas.

3. Aids é coisa de gay:

Entre 2007 e 2019, 31% dos casos notificados de HIV identificaram-se como mulheres que em sua maioria tiveram sua soroconversão a partir de relações sexuais heteroafetivas (Brasil, 2019).

Santos (2016), mostra a dupla vulnerabilidade de mulheres negras ao HIV, correlacionando desta forma, classe sócio, violência sexual e a susceptibilidade feminina ao vírus determinada por vários fatores biológicos. Assim, podemos refletir que fatores relacionados a estigma, preconceito e impedimento de discussões sobre sexualidade e violência sexual podem estar influenciando na consolidação destes números.



4. Aids se previne apenas com preservativo:

Segundo César, (2009 p.38) “nos últimos vinte anos, após o surgimento da epidemia do HIV/Aids e o reconhecimento da gravidez de jovens em idade escolar, a sexualidade se consolidou como lugar de fala em torno à ideia de prevenção”. De fato, o preservativo torna-se de suma importância por associar-se a prevenção de outras ISTs e gravidez indesejada.

Entretanto, a prevenção combinada pode ser vista como demarcação de falseabilidade de uma visão científica apresentada nas escolas. A testagem e o conhecimento da própria sorologia é um mecanismo social, e não individualizado, para prevenção e tratamento do HIV. O estímulo ao teste e autoconhecimento supõe que sexo existe entre adolescentes e que todos precisamos conhecer as vulnerabilidades pertinentes a nossa vida sexual.

Somado ao conhecimento da própria sorologia, as profilaxias de prevenção pré e pós exposição (PrEP e PEP) são medicamentos amplamente disponibilizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e funcionam de forma a reduzir as chances de soroconversão. Sua distribuição e uso no sistema público de saúde pode ser considerada como grande responsável pela desaceleração das taxas de infecções em homens que fazem sexo com homens (HSH) e pessoas transexuais.

Considerações finais

Concluimos que existe um deliberado processo de silenciamento mediado por um projeto fascista para o Brasil. Entretanto não podemos esquecer que perspectivas “médico-biológicas”, “positivistas” de educação em ciências já estavam enraizadas nas práticas e, também, políticas educacionais. Defendemos que as discussões que apresentamos devem nascer no ambiente escolar e na relação escola-universidade, seja a partir de movimentos de (re)questionamento curricular ou de formação de professores.

Propomos o diálogo ao invés do silenciamento como forma de superação das contradições aqui apresentadas. Paulo Freire nos apresenta a construção do diálogo como caminho para conscientização e transformação de sistemas opressores. Freire (2018, p. 72) nos diz a respeito deste diálogo: “substituí-lo pelo antidiálogo, pela sloganização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos de domesticação [...] é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio”. Sendo assim, a fala, a escuta, democracia e a proposição devem e podem estar dentro das diferentes perspectivas epistemológicas e práxis pedagógicas atreladas ao ensino de ciências que constantemente lutam por processos emancipatórios em uma sociedade que está a minimizar e revisar o papel histórico e cultural da ciência.



Referências

Brasil. Ministério da Educação. A Base Nacional Comum Curricular (2017). Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br> >. Acesso em: 20 abr. 2020.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Ciências Naturais. Brasília: MEC/SEF, 1998a. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br> >. Acesso em: 20 abr. 2020.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos – Orientação Sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

Brasil. Secretaria de Vigilância em Saúde: Boletim Epidemiológico HIV/Aids: Ministério da Saúde. 2019. Disponível em: < www.aids.gov.br >. Acesso em: 15 mai. 2020.

César, M. R. D. A. (2009). Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". *Educar em revista*, 37-51.

Joint United Nations Programme (UNAIDS) (2019). Communities at the centre, defending rights, breaking barriers, reaching people with HIV services, UNAIDS joint United Nations programme on HIV. update. *AIDS Geneva: UNAIDS*, 283-293.

Konder, L (1981). *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, p. 87.

Kosik, K (2010). *Dialética do concreto*. Trad. Neves, C; Toríbio, A. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Macedo, E. (2017). As demandas conservadoras do movimento escola sem partido e a base nacional curricular comum. *Educação & Sociedade*, 38, 507-524.

Figueiró, M. N. D. (1996). A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. *Cadernos de Pesquisa*, (98), 50-63.

Freire, P. (2018) *A pedagogia do oprimido*. São Paulo: 66ª ed Paz & Terra, 256p.

Rosário, A. G.; Portugal, M, A. L (2016). Educação Popular, sexualidades e enfrentamento da epidemia da Aids. In: 4º *Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e 2º Encontro internacional de Estudos de Gênero*. Vitória.

Santos, N. J. S. (2016). Mulher e negra: dupla vulnerabilidade às DST/HIV/aids. *Saúde e Sociedade*, 25, 602-618.



Silva, C. S. F., Brancaloni, A. P. L., & de OLIVEIRA, R. R. (2019). Base Nacional Comum Curricular e diversidade sexual e de gênero:(des) caracterizações. *Revista Ibero-americana de estudos em educação*, 1538-1555.

de Sousa Moura, F. N., & Leite, R. C. M. (2019). O conservadorismo e a formação cidadã: a abordagem da Sexualidade no Ensino Fundamental diante do discurso em documentos oficiais. *Educação, Ciência e Cultura*, 24(3), 61-77.

York, A. (2019). Undetectable equals untransmittable. *Nature Reviews Microbiology*, 17(7), 399-399.

